

ACÇÃO EDUCATIVA NO ENSINO FUNDAMENTAL COM MATERIAL PARADIDÁTICO SOBRE PREVENÇÃO DE QUEDAS ACIDENTAIS.

VILAS BÓAS, Bruna¹

GIMENIZ-PASCHOAL, Sandra Regina²

Resumo: Os acidentes infantis constituem grave problema de saúde pública, mas podem ser prevenidos por meio da educação. Os Ministérios da Saúde e da Educação sugerem ações preventivas nas escolas, mas estas são escassas, bem como os materiais a serem utilizados no contexto escolar. O objetivo deste trabalho foi avaliar uma ação educativa sobre prevenção de quedas acidentais. Participaram 17 alunos do quarto ano de uma escola da rede municipal de ensino fundamental. Foram verificados os conhecimentos prévios dos alunos, realizada a leitura do material paradidático e nova verificação de conhecimentos. Os resultados indicaram aumento de respostas corretas em até 40% comparando-se os dados obtidos antes e após a ação. Concluiu-se que a ação educativa favoreceu a ampliação do conhecimento sobre a temática abordada no ambiente educacional.

Palavras-chave: quedas acidentais, prevenção, ensino fundamental.

Abstract: The child accidents are a serious public health problem, but can be prevented by the education. The Ministries of Health and Education suggest preventive actions in schools, but these are scarce, as well as the materials to be used in the educational context. The objective of this study was to evaluate an educational intervention on prevention of accidental falls. Participants were 17 students of the fourth year of elementary school at a municipal school. We checked the students' prior knowledge, read a paradidactic book and re-verification of knowledge. The results indicated an increase of correct answers by 40% comparing the data obtained before and after the action. It is concluded that the educational activity favored the expansion of knowledge about the theme in the educational environment.

Keywords: accidental falls, prevention, elementary school.

1 Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Marília. Pedagoga. E-mail: bru_vb@yahoo.com.br. Estudo derivado do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia da UNESP/Marília.

2 Docente do Programa de Pós Graduação em Educação, do Programa de Pós Graduação em Fonoaudiologia e do Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Marília. Psicóloga, Mestre, Doutora e Livre Docente em Psicologia. E-mail: sandragp@marilia.unesp.br.

Introdução

O Ministério da Saúde (BRASIL, 2005) aponta que em todo o mundo e em nosso país, as causas externas, representadas pelos acidentes e violências, causam elevada morbimortalidade, configurando um problema de saúde pública de grande magnitude e transcendência. Os acidentes e as violências resultam de ações ou omissões humanas e de condicionantes técnicos e sociais. A violência é fenômeno de conceituação complexa, polissêmica e controversa, definida como evento representado por ações realizadas por indivíduos, grupos, classes, nações, que ocasionam danos físicos, emocionais, morais e/ou espirituais a si próprio ou a outros. O acidente é definido como “evento não intencional e evitável, causador de lesões físicas e/ou emocionais no âmbito doméstico ou nos outros ambientes sociais, como o do trabalho, do trânsito, da escola, de esportes e o de lazer” (BRASIL, 2005: 8).

As mortes por acidentes e violências ocupam o segundo lugar no perfil da mortalidade geral e é a primeira causa de óbitos na faixa etária de 5 a 49 anos. Entre 1991 e 2000, cerca de 1.118.651 pessoas morreram por esses motivos em nosso país. Desse total, 369.068 foram a óbito por homicídios; 62.480, por suicídio e 309.212, por acidentes e violências no trânsito e nos transportes (BRASIL, 2005).

De acordo com Souza e Jorge (2006), a violência para o setor saúde deve ser entendida como a violência que lesa, física ou emocionalmente, e a que mata, sendo que os acidentes estão aí incluídos, não só por consenso internacional, mas também pela dificuldade em se estabelecer limites entre as ações intencionais e os acidentes propriamente ditos.

Messias, Gimenez-Paschoal e Felix (2008) realizaram uma análise sociológica da violência infantil denunciada na Delegacia de Polícia da Mulher na cidade de Marília, buscando estabelecer um elo de discussão entre violências que poderiam ser tipificadas ou mascaradas como acidentes. Investigaram todos os delitos com crianças de ambos os sexos menores de 15 anos corridos no período de janeiro de 2004 a abril de 2005 em todos os bairros de Marília. Indicaram a sub-notificação de ocorrências, no total de 26, e a dificuldade para conduzir uma análise mais aprofundada da dinâmica desses tipos de crime, traduzindo o descaso com este sério problema social. Apontaram, entretanto, que

...muitos crimes mascarados ocorrem cotidianamente na cidade de Marília, sendo as crianças atendidas em Unidades de Saúde. Poucos deles fazem parte das estatísticas criminais, pois não são informadas às delegacias. Ou ainda, as vítimas são levadas para atendimento pelos próprios agressores que mentem sobre o fato real, atribuindo a uma queda ou a um acidente corriqueiro infantil. É necessário treinamento profundo que proporcione ao agente de saúde as condições necessárias para discernir o acidente da

violência e dar os encaminhamentos cabíveis. (MESSIAS; GIMENIZ-PASCHOAL; FELIX; 2008: 34)

E, referindo-se ao aumento dos atendimentos em serviços públicos de saúde relativos a algumas violências, como as do trânsito, as decorrentes de brigas e de conflitos nas comunidades e de maus-tratos familiares,

...estas formas exteriores como fraturas, queimaduras, e outras, podem ser caracterizadas no momento do atendimento como acidentes e não como ações anteriores de violência. Mas, na maioria das vezes estas violências são mascaradas como acidentes não-intencionais, gerando falsos dados e, portanto, uma forma de intervenção errônea e delicada. (MESSIAS; GIMENIZ-PASCHOAL; FELIX; 2008: 36)

E, ao tecer as considerações finais, apontaram “que é preciso apurar os nossos olhares em nossas diferentes áreas de atuação com crianças, especialmente na educação e na saúde” (MESSIAS; GIMENIZ-PASCHOAL; FELIX; 2008: 38).

Em relação à área da saúde, os acidentes de trânsito, envenenamentos, quedas, queimaduras, afogamentos, engasgo, sufocação e lesões acidentais por arma de fogo constituem os principais tipos de acidentes definidos pela Classificação Internacional de Doenças (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1978, 1993).

Estima-se que aproximadamente 287 milhões de reais por ano são gastos pelo governo federal em internações decorrentes dos acidentes. Embora as internações por causas externas (os acidentes e as violências) sejam mais curtas, essas tendem a consumir 60% a mais de gastos por dia do que a média geral das hospitalizações pagas pelo SUS (IUNES, 1997).

Segundo Blank (1994), as principais estratégias para prevenir os acidentes são: orientar as pessoas sobre os riscos para alterar seu comportamento e melhorar sua proteção, mudanças de comportamento individuais por meio de leis ou regras administrativas e proteção automática promovida por produtos seguros.

Ainda segundo Blank (2002), os acidentes infantis constituem um enorme problema de saúde pública entre crianças e jovens, sendo a educação para a segurança factível, tanto no âmbito individual quanto comunitário.

Pressley et al (2007) afirmam que o declínio das taxas de mortalidade torna-se possível mediante a combinação de medidas preventivas ativas e passivas, esforços educacionais e facilidade de acesso aos materiais de segurança.

Em relação à área da educação, os Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Fundamental preconizam que a escola deve oferecer oportunidades para que o aluno seja capaz de conhecer e evitar os fatores de risco para a incidência de acidentes domésticos na escola ou nos demais locais públicos. Além disso, a promoção da saúde ocorreria por meio da educação, da adoção de estilos de vida

saudáveis, do desenvolvimento de aptidões e capacidades individuais, bem como na produção de um ambiente saudável (BRASIL, 1997).

Segundo Sena, Ricas e Viana (2008), dos acidentes com crianças em idade escolar, 10 a 25% ocorrem na escola ou em seu entorno. Ainda de acordo com os autores, no Brasil, de 6 a 13% dos acidentes em crianças nesta faixa etária, ocorrem em instituições de ensino.

Para Oliveira (2003), as ações educativas para a prevenção de acidentes infantis deveriam ser frequentes no contexto escolar, pois incentivam a adoção de atitudes seguras pelas próprias crianças. E, por meio das aprendizagens adquiridas, as crianças poderiam ser multiplicadores de informações, estendendo aos pais e aos demais colegas os conhecimentos adquiridos durante o período em que permanecem na unidade educacional. Para a autora, é necessário propiciar aos educandos conhecimentos sobre a promoção de saúde no âmbito escolar, tendo em vista sua relevância para a vida cotidiana dos alunos.

Gomes e Fonseca (2005) realizaram estudo com o objetivo de investigar a percepção de cuidadoras de uma Instituição de Educação Infantil e professoras de uma Escola de Ensino Fundamental acerca do conceito de violência, bem como a conduta por elas adotada frente a situações de violência contra crianças e adolescentes. Constataram que as professoras reconhecem violência tanto física quanto psicológica na interação família e crianças, bem como das crianças entre si e referem a negligência como forma de violência. As professoras mencionaram como exemplos da violência observada na interação da criança com mãe ou pai os sinais como escoriações, marcas de queimadura e hematomas. E, dentre os indicadores físicos também incluíram lesões físicas, fraturas, traumatismo abdominal e queimaduras.

Gonsales (2008) afirma que a escola constitui-se em um local favorável para o trabalho com a promoção da saúde e conceitos relacionados à segurança, uma vez que esta deve transcender sua função acadêmica, tendo como princípios a socialização e a formação do caráter, do comportamento e da cidadania.

Para Rocha e Kester (2011), a escola constitui um espaço privilegiado, onde ocorre um conjunto de interações sociais que se pretendem educativas. Dessa forma, intervir no meio escolar no qual a criança se encontra inserida, amplia a probabilidade de que comportamentos socialmente e/ou eticamente elegíveis ocorram.

Neste sentido, o profissional da educação pode contribuir de forma relevante para a transmissão de conhecimentos sobre a temática e estas atividades podem se constituir numa alternativa de aumentar a capacidade de auto-proteção da criança.

Cardoso, Reis e Iervolino (2008) caracterizam o professor como sendo uma importante referência para os alunos, tendo a oportunidade de estimular a compreensão e a adoção de hábitos saudáveis, auxiliando o aluno a observar corretamente o ambiente escolar ou domiciliar, de modo que estes sejam capazes de

perceber os riscos que os circundam e proteger a saúde dos escolares e seus familiares. O professor, para tais atividades, poderia utilizar diferentes meios, como materiais de leitura.

Partindo do pressuposto de que a leitura é fonte de prazer e propicia a aquisição de novos conhecimentos ao leitor, considera-se que a utilização de textos paradidáticos em sala de aula pode se constituir em um recurso pedagógico capaz de viabilizar, ao aluno, a compreensão relativa aos conceitos científicos, o interesse e a motivação em aprender, bem como a articulação entre os conteúdos científicos e os aspectos sociais, ambientais e tecnológicos (ASSIS; TEIXEIRA, 2009).

Oliveira et al. (2009) afirma que um material paradidático destina-se a auxiliar o professor em um assunto específico que o livro didático não aborda. Esse tipo de material pode ser usado em qualquer contexto porque não pressupõe a existência de pré-requisitos, o assunto está intimamente ligado com o que está sendo ensinado em sala de aula e está presente em situações do cotidiano.

Diante do exposto, observa-se que a temática dos acidentes infantis é relevante socialmente, pois acomete crianças em idade escolar, gerando danos físicos às vítimas e gastos no sistema público de saúde. Percebe-se, contudo, que o mesmo poderia ser prevenido por meio de uma educação pautada na transmissão de conhecimentos acerca dos fatores de risco e de proteção para a ocorrência dos acidentes infantis, com vistas à diminuição dos prejuízos deles decorrentes, o que justifica a realização de ações educativas a serem realizadas no contexto da educação fundamental.

O objetivo deste trabalho consistiu em avaliar uma ação educativa no ensino fundamental sobre prevenção de quedas acidentais infantis envolvendo o uso de material paradidático.

Método

Ambiente: O estudo foi realizado em uma escola da rede municipal de ensino fundamental de uma cidade situada no interior do Estado de São Paulo, com aproximadamente 220 mil habitantes.

Participantes: Participaram 17 alunos do quarto ano do ensino fundamental, com idade entre nove (64,7%) e dez anos (35,3%), sendo que dez alunos (58,2%) eram do sexo masculino e sete (41,8%) eram do sexo feminino.

Materiais: Foram utilizados: computador, internet contínua, impressora multifuncional, termos de consentimento, livro paradidático elaborado por Vilas Bôas e Gimenez-Paschoal (2010) sobre a temática da prevenção de quedas acidentais infantis, cujo enredo contava a história de um menino que sofreu um acidente de queda na escola e depois passou a ensinar às crianças como se protegerem para evitar a ocorrência de acidentes bem como sensibilizar os adultos e as instituições, tais como a escola, a promover um ambiente mais seguro e saudável.

Para avaliação de conhecimentos, foi elaborado folheto com ilustrações em

preto e branco que retratavam oito situações cotidianas de fatores de risco e/ou segurança para a ocorrência dos acidentes e que eram abordados no livro paradidático. Neste folheto, as crianças deveriam ligar as situações ilustradas a três opções de resposta, também sinalizadas por um desenho indicativo de correto (representado por uma mão com o dedo polegar levantado para cima), incorreto (representado por uma mão com o dedo polegar abaixado) ou não sei (representado por um ponto de interrogação).

As situações ilustradas referiam-se aos seguintes itens: “criança subindo em árvore”, “criança brincando”, “criança brincando + árvore com proteção”, “crianças correndo + brinquedos espalhados pelo chão”, “criança soltando pipa em local adequado”, “criança andando de bicicleta e usando objetos de proteção”, “criança soltando pipa próxima à rede elétrica” e “criança andando de skate sem objetos de proteção”.

Procedimentos

Após o consentimento da direção da escola e da professora atuante no quarto ano do ensino fundamental, e em dias e horários previamente estabelecidos, realizou-se a ação educativa.

Inicialmente a pesquisadora apresentou-se às crianças e relatou o motivo de sua presença na sala de aula, conversando acerca dos objetivos de sua pesquisa. Em seguida, distribuiu o folheto para as crianças.

As crianças demoraram cerca de 10 minutos no preenchimento do folheto e após o recolhimento dos mesmos, foi apresentado à sala o material paradidático sobre o tema quedas.

Para a leitura de uma história para crianças em idade escolar, segundo Coelho (1994), é necessário que o professor inicie uma conversa antes de começar a contar a história. Deste modo, impede possíveis interrupções e desperta o interesse das crianças em ouvir com atenção ao que será dito por ele.

Assim, antes de iniciar a leitura do texto, procurou-se identificar por meio de relatos verbais, o que as crianças entendiam com o termo “acidentes infantis” e quais eram seus conhecimentos prévios sobre o tema.

Após a leitura, as crianças puderam manusear o livro e realizar uma leitura individual, caso assim desejassem.

Ainda de acordo com Coelho (1994) é importante também que o professor estabeleça uma conversa ao final da história, comentando sobre o que foi lido, deste modo, após a leitura do texto houve a preocupação em estabelecer um diálogo com as crianças a fim de conhecer suas opiniões acerca do material paradidático utilizado na ação educativa.

Ao final, as crianças responderam novamente o mesmo folheto, de modo a verificar os conhecimentos adquiridos, sendo que o tempo de preenchimento reduziu para apenas cinco minutos.

A análise dos dados foi feita mediante a contagem e comparação das frequências das respostas apresentadas pelos alunos nos folhetos antes e após as atividades com o material paradidático.

Resultados e discussão

Antes de iniciar a leitura do livro paradidático, a pesquisadora procurou identificar o que as crianças entendiam com o termo “acidentes infantis” por meio de relatos verbais, ao que elas responderam se tratar de situações em que a criança é ferida. Em seguida, alguns alunos relataram experiências pessoais ou de pessoas conhecidas, revelando a ocorrência de quedas, queimaduras, dentre outros tipos de acidentes.

Durante a leitura da história, percebeu-se que todas as crianças demonstraram interesse pelo material, uma vez que ouviram atentamente à história narrada.

Para Coelho (1994: 57), o diálogo após a leitura de um texto é relevante, visto que “comentar, a que parece, prolonga o deleite, conduz a novas leituras da trama, dos personagens, a uma compreensão mais nítida e esclarecedora”.

Deste modo, ao final da leitura do texto procurou-se identificar as opiniões das crianças acerca do material paradidático utilizado na ação educativa. Assim, as crianças relataram ter adquirido novas informações e que haviam percebido riscos de acidentes, até então desconhecidos, como por exemplo, o perigo em tropeçar em brinquedos espalhados pelo chão ou mesmo descer de cabeça para baixo no escorregador.

Quando indagados sobre os aspectos positivos e negativos do material ao qual tinham tido acesso, as crianças alegaram que o mesmo era informativo, educativo, interessante e legal.

A Tabela 01 mostra as respostas de acordo com as situações ilustradas no folheto e relacionadas à temática das quedas acidentais infantis, antes e após a leitura do material paradidático.

Observa-se que nas situações “criança subindo em árvore” e “criança brincando” todas as crianças acertaram, tanto no questionário pré quanto no questionário pós.

Na situação em que havia crianças brincando ao redor de uma árvore com proteção, no questionário pré houve 82% de acertos, sendo que 18% alegou não saber a resposta. Já no questionário pós, 94% das crianças acertaram.

Tabela 01 - Frequência e percentagem das respostas dos alunos, por situações ilustradas e categorias de resposta (N=17).

Situações ilustradas	Categorias de resposta	Pré		Pós	
		f	%	f	%
Criança subindo em árvore	Errado	17	100	17	100
Criança brincando	Certo	17	100	17	100
Criança brincando + árvore com proteção	Certo	14	82	16	94
	Não sei	3	18	1	6
Crianças correndo + brinquedos no chão	Certo	3	18	1	6
	Errado	8	47	16	94
	Não sei	6	35	0	0
Criança soltando pipa em local adequado	Certo	14	82	17	100
	Errado	2	12	0	0
	Não sei	1	6	0	0
Criança usando objetos de proteção	Certo	14	82	17	100
	Errado	1	6	0	0
	Não sei	2	12	0	0
Criança soltando pipa próxima à rede elétrica	Certo	3	18	0	0
	Errado	12	70	17	100
	Não sei	2	12	0	0
Criança sem objetos de proteção	Certo	1	6	0	0
	Errado	10	59	17	100
	Não sei	6	35	0	0

Na ilustração onde havia crianças correndo e brinquedos espalhados ao chão, primeiramente os alunos informaram que o desenho estava errado (47%), sendo que após a leitura do material paradidático 94% reconheceram o risco de acidente inerente a essa situação.

Na situação em que a criança brincava de pipa em um parque e naquela em que a criança utilizava objetos de proteção (cotoveleira, capacete, joelheira) ao andar de bicicleta, houve 82% de acertos prévios e, após a ação, 100% acertou a questão.

No que tange à ilustração em que a criança solta pipa próxima à rede elétrica, 70% informou ser errado e, após, todos perceberam o risco da situação. Quanto ao último desenho, em que a criança anda de skate sem proteção, 59% das crianças informaram ser errado, o que subiu para 100% após a leitura.

A ação educativa realizada demandou pouca disponibilidade de tempo para sua execução em sala de aula e contribuiu para a ocorrência de novas aprendizagens para com os estudantes que participaram deste estudo, corroborando com o estudo de Gimenez-Paschoal et al (2010), que elaboraram estratégia educativa sobre prevenção de acidentes infantis para o ensino fundamental e verificaram que a ação realizada foi de fácil preparação e execução, com pouco tempo de intervenção em sala de aula e com resultados favoráveis em relação à aquisição de conhecimentos dos alunos.

Souza e Vilas Boas (2004) compararam, entre escolares do ensino fundamental, o uso de duas técnicas pedagógicas no ensino de conceitos

relacionados à vitamina A e sua carência. Os pesquisadores selecionaram duas turmas homogêneas da 3ª série e compararam os efeitos da intervenção com teatro de fantoches e com texto de base literária. Os resultados demonstraram que as técnicas pedagógicas empregadas promoveram aprendizagem de conceitos em relação ao assunto trabalhado, ocasionando o incentivo para o consumo de alimentos ricos nesses nutrientes. Assim, concluíram que a aplicação de métodos lúdicos é um incentivador para a reeducação alimentar, propondo o uso desses recursos nas escolas para a aprendizagem de conteúdos de saúde e alimentação.

Nesta pesquisa, percebeu-se que a atividade realizada propiciou a aquisição de novos conhecimentos dos alunos, fato este observado por meio dos avanços nos índices de acertos comparados entre os dados obtidos antes e após a ação educativa. Percebeu-se ainda que os estudantes já apresentavam conhecimentos prévios sobre a temática, tal como na situação em que a criança está subindo em uma árvore (100%), mas é válida a realização de tais atividades educativas, tendo em vista a possibilidade de aprendizagens de conceitos quanto à promoção de segurança e de comportamentos seguro dos escolares.

Considerações Finais

Os dados aqui apresentados mostraram que as crianças possuíam alguns conhecimentos prévios sobre as situações de risco e de segurança para a ocorrência dos acidentes infantis.

A ação educativa realizada foi bem recebida pelos alunos, uma vez que estes se mantiveram atentos durante a narração da história e posteriormente relataram ter gostado do material paradidático que lhes havia sido apresentado, bem como informaram ter adquirido novas informações.

Após a realização da ação educativa e por meio da reaplicação do folheto com ilustrações acerca de fatores de risco e de prevenção quanto aos acidentes, foi possível depreender que os alunos adquiriram novos conhecimentos, levando-se em consideração o aumento do percentual de acerto obtido em todas as respostas dadas pelos alunos, sendo que no item “criança sem objetos de proteção” esse percentual foi de aproximadamente 40%.

Acredita-se que as aprendizagens adquiridas podem trazer implicações nos comportamentos dos alunos que participaram do presente estudo, o que justifica a necessidade de estudos futuros que complementem os dados aqui encontrados.

De modo geral, depreende-se que a leitura constitui um recurso pedagógico útil para disseminação de informações acerca de atitudes preventivas quanto à temática dos acidentes infantis, podendo também contribuir para a adoção de hábitos de segurança e promoção da saúde.

Estudos similares a este poderiam ser realizados com um número maior de

escolas e de alunos, para ampliar os resultados aqui obtidos. Também novos estudos poderiam ser conduzidos tendo como objetivo verificar se os conhecimentos obtidos podem se estender para outros ambientes, bem como para outras ações das crianças e permanecer por um maior período de tempo. Poderia ser investigado ainda se os conhecimentos favorecem mudanças de comportamentos das crianças de modo a adquirirem comportamentos mais seguros e de auto-proteção.

Pode-se observar que o uso do material paradidático constitui importante ferramenta a ser utilizada pelo professor, visto que esta representa fonte de prazer para as crianças, despertando assim seus interesses e, por meio dela, a criança tem a possibilidade de adquirir novos conhecimentos.

Novos estudos poderiam ser realizados com a finalidade de verificar se os conhecimentos adquiridos se mantêm após um período maior de tempo. Também novos estudos poderiam ampliar a discussão no sentido de superar as dificuldades em se traçar os limites entre os acidentes e as violências infantis, de ampliar a realização de ações intersetoriais, conforme as diretrizes apontadas pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2005), para a redução da morbimortalidade por acidentes e violências.

Referências bibliográficas:

- ASSIS, A.; TEIXEIRA, O. P. B. **Argumentações discentes e docente envolvendo aspectos ambientais em sala de aula: uma análise.** *Ciência & Educação*, v. 15, n.1, p. 47-60, 2009.
- BLANK D. **Manual de acidentes e intoxicações na infância e adolescência.** Rio de Janeiro: Schering-Plough, 1994.
- __. **Prevenção e controle de injúrias físicas: saímos ou não do século 20?** *Jornal de Pediatria*, v. 8, n. 2, p. 84-86, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais.** Brasília: MEC/SEE, 1997.
- __. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Saúde. **Política nacional de redução de morbimortalidade por acidentes e violência: Portaria MS/GM nº 737 de 16/05/01**, publicada no DOU nº 96 seção 1E de 18/05/01 / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Análise de Situação de Saúde. – 2. ed.- Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2005. 64p.
- CARDOSO, V.; REIS, A.P.; IERVOLINO, S.A. **Escolas promotoras de saúde.** *Rev. Bras. Crescimento Desenvol. Hum*, v. 18, n. 2, p. 107-115, 2008.
- COELHO, B. **Contar histórias uma arte sem idade.** São Paulo: Ática, 1994. 78p.

GIMENIZ-PASCHOAL, S. R.; MONTEIRO, V. B. P. N.; KEPPLER, M. A. B. B.; GONSALES, T. P.; BOAS, B. V.; COSTA, P. F. **Estratégia educativa sobre prevenção de acidentes infantis para o ensino fundamental.** Revista LEVS, São Paulo, n.6, 2010. Disponível em:

<http://www.levs.marilia.unesp.br/revistalevs/edicao6/Autores/16.sandra_paschoal.htm> Acesso em: 9 Ago 2011.

GOMES, V. L. O.; FONSECA, A. D. **Dimensões da violência contra crianças e adolescentes, apreendidas do discurso de professoras e cuidadoras.** Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2005; 14(Esp.):32-7.

GONSALES, T. P. **Ação educativa de prevenção de acidentes domésticos em escola de ensino fundamental.** 2008. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

IUNES, R. F. **Impacto econômico das causas externas no Brasil: um esforço de mensuração.** Revista Saúde Pública, v. 31, n. 4 (supl.), p. 38-46, 1997.

MESSIAS, A. E. A., GIMENIZ-PASCHOAL, S. R., FELIX, S. A. **Um olhar sobre a violência infantil na cidade de Marília – SP.** Revista LEVS, São Paulo, v.2, p.30 - 38, 2008. Disponível em

<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/levs/article/viewFile/1081/969>
Acesso em 05 dez 2010.

OLIVEIRA, R. A. **Educação infantil e acidentes: opiniões dos profissionais e caracterização dos riscos do ambiente.** 2003. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

OLIVEIRA, H. N. L.; BONFIM, M. D.; MARINHO, R.F.; GARCIA, W. M. V.; SOARES, M. H. F. B. **Elaborando um material paradidático: química na cozinha.** In: XVI Encontro Centro-Oeste de Debates sobre Ensino de Química, 36., 2009, Goiás. Resumo. Goiás: UFG, 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Manual da classificação estatística de doenças, lesões e causas de óbitos: classificação internacional das doenças.** São Paulo, v.2, 1978.

___ **Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde.** 10ª revisão. São Paulo, v.1, 1993.

PRESSLEY, J. C.; BARLOW, B.; KENDIG, T.; PANETH-POLLAK, R. **Twenty-year trends in fatal injuries to very young children: the persistence of racial disparities.** Pediatrics, Elk Grove, v. 119, n.4, p. e875-e884, Apr. 2007.

ROCHA, J. F.; CARRARA, K. **Formação ética para a cidadania: reorganizando contingências na interação professor-aluno.** Psicologia escolar e educacional, São Paulo, v. 15, n. 2, 2011.

SENA, S. P.; RICAS, J.; VIANA, M. R. A. **A percepção dos acidentes escolares por educadores do ensino fundamental, Belo Horizonte.** Revista Med. Minas Gerais, v. 18, n. 4 (supl.), p. 47-54, 2008.

SOUZA, E. R.; JORGE, M. H. P. M. **Impacto da violência na infância e adolescência brasileiras: magnitude da morbimortalidade.** In: BRASIL, Ministério da Saúde. VIOLÊNCIA FAZ MAL À SAÚDE [Cláudia Araújo de Lima (Coord.) et al.]. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

SOUZA, W. A.; VILAS BOAS, O. M. G. C. **Orientação sobre o uso de vitamina A na saúde escolar: comparação de técnicas pedagógicas.** Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232004000100018&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 set. 2010.

VILAS BÔAS, B.; GIMENIZ-PASCHOAL, S. R. **Vivendo contente e bem longe dos acidentes.** Marília, 2010.